

# Violência simbólica contra mulher idosa nas relações de gênero

Marly de Jesus Sá Dias  
Leila Moraes Nogueira Azevedo  
Leida Cabral Nascimento da Silva  
Francisca Thamires Lima de Sousa

## RESUMO

Discute o envelhecimento populacional como fenômeno mundial presente em todos os países, no qual o Brasil se inclui com uma das maiores taxas de envelhecimento populacional. Progressão com tendência a elevação. Estudos da Organização Mundial de Saúde mostram que até o ano de 2025, o grupo de pessoas com 60 anos ou mais de idade deverá aumentar em quinze vezes, enquanto a população total, em apenas cinco. Crescimento que colocará o Brasil no cenário mundial como a sexta nação com maior número de idosos, cerca de 32 milhões de pessoas. Realidade que suscita não só debate, mas, ações efetivas que enfrente esse crescimento populacional na velhice, bem como as alterações fisiológicas, psicológica, cognitiva e social evidenciada nesta fase da vida, as violências recorrentes que lhes tem atingido nos espaços sociais e intrafamiliares. Com base em aportes teóricos e documentais, este estudo exploratório e qualitativo, reflete sobre a violência simbólica que atinge, principalmente as mulheres velhas e que são decorrentes das violências de gênero. Portanto, que lhes atinge pelo fato de serem mulheres. A violência simbólica é aqui apreendida como violência multifacetada, que age de forma sigilosa, sutil e silenciosa na vida social das pessoas também em idade avançada. Conclui-se que a mulher na velhice deve ter direitos à vida sem negação de sua cidadania, correntemente ameaçada pela imposição silenciosa e sutil de um padrão social fincado no patriarcalismo. Torna-se urgente e necessário desconstruir estes padrões de submissão, humilhação e opressão instituídos na sociedade contemporânea em decorrência do gênero, classe, raça, etnia e geração e estimular padrões emancipatórios de viver a velhice de forma digna.

**Palavras-chave:** Gênero. Relações de Gênero. Violência simbólica. Mulher. Velhice.

## 1 O envelhecimento populacional: breves considerações

O envelhecimento da população tem se configurado como um fenômeno de ordem mundial, presente tanto em países desenvolvidos quanto em países em desenvolvimento. Segundo a Organização Mundial de Saúde (OMS), uma população é considerada envelhecida quando a proporção de pessoas com 60 anos ou mais atinge 7% da população total e, ainda assim, apresenta tendências para o seu crescimento.

No Brasil esta realidade não é diferente. O processo de envelhecimento da população no país vem sofrendo aceleração desde a década de 60, quando começou a elevar-se quando comparado aos

demais grupos etários. De 1970 até hoje, o peso da população idosa sobre a população total passou de 3% para 8% e esse percentual deve dobrar nos próximos vinte anos. O Censo de 2010, publicado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE, apontou que os indivíduos com idade superior a 65 anos passarão de 14,9 milhões (7,4% do total), em 2013, para 58,4 milhões (26,7% do total), em 2060 (IBGE, 2010).

Cumprir destacar que se adotará no presente artigo a referência de pessoas envelhecidas, tal como regulamentada na legislação brasileira, através da Lei nº 10.741 de 1º de outubro de 2003, que dispõe sobre o Estatuto do Idoso. Nesta, o idoso ou idosa é a pessoa com idade igual ou superior a 60 (sessenta) anos.

O IBGE também relata que, neste mesmo período, a expectativa média de vida do/a brasileiro/a deve aumentar de 75 anos para 81 anos, contexto em que as mulheres continuarão vivendo mais do que os homens. Em 2060, a expectativa de vida delas será de 84,4 anos, contra 78,03 dos homens (IBGE, 2010).

Atualmente mulheres brasileiras vivem, em média, até os 78,5 anos, enquanto os homens desta nação, até os 71,5 anos. Dados que evidenciam que o Brasil está entre os países que possuem as maiores taxas de envelhecimento populacional e com forte tendência de elevação, sobretudo no número de mulheres com idade avançada. As projeções da Organização Mundial de Saúde (OMS) demonstram que até o ano de 2025, o grupo de pessoas com 60 anos ou mais de idade deverá aumentar em quinze vezes, enquanto a população total, em apenas cinco. Esse aumento colocará o país na sexta posição entre os países com o maior número de velhos/as, apresentando cerca de 32 milhões de pessoas nessa faixa etária (BRASIL, 2010).

Se por um lado o envelhecimento populacional e a longevidade são grandes vitórias em termos sociais e científicos, resultante de fatores tal como a queda da taxa de fecundidade e a redução da taxa de mortalidade nas idades avançadas (CAMARANO, 2005). Por outro, acarretam desafios em termos econômicos, sociais, culturais tanto para às políticas públicas, quanto para as sociedades, desenvolvidas e as que estão em franco desenvolvimento. O maior desafio está em garantir as condições materiais e concretas para assegurar um envelhecimento saudável, com saúde, autonomia, independência e segurança, para que possa ser digno, senão para todos e todas, mas, para um maior número de pessoas.

A face feminina do envelhecimento também é uma constatação visível e universal, constatado em muitos países onde nascem mais homens do que mulheres. Na transição demográfica brasileira esse processo de feminização da velhice é nítido, como já assinalado, indicando que, quanto mais a população envelhece, mais feminina ela se torna.

Em 2011, as mulheres representavam 55,5% da população idosa brasileira e 61% do contingente de idosos acima de 80 anos (IBGE, 2011). Dados do PNAD/16 apontam que “entre 2012 e 2016, a população idosa (com 60 anos ou mais de idade) cresceu 16,0%, chegando a 29,6 milhões de pessoas” (IBGE, 2016). Essa feminização da velhice é resultante da maior expectativa de vida das mulheres que, em média, vivem no Brasil 8 anos a mais que os homens. Como hipóteses explicativas para a progressão, encontra-se a mortalidade diferencial por sexo, em que homens morrem mais do que mulheres. As mortes violentas, cujas vítimas, quando jovens e adultos, são homens em mais de 90% dos casos é um exemplo, assim como o fato das mulheres serem mais assíduas nos serviços de saúde do que entre os homens ao longo de suas vidas (BANDEIRA, MELO & PINHEIRO, 2010). Há também

que se destacarem ainda as diferenças biológicas entre os sexos, tal como o fator hormonal, em que o estrógeno atua como um protetor da ala feminina até aproximadamente os 60 anos de eventos cardíaco e cerebrovasculares (CAMARANO, 2005).

Serra (2014) chama atenção para o fato de que se faz necessário refletir sobre essa longevidade feminina a partir de sua contextualização, para que não se tenha uma impressão somente de conquistas por parte do segmento feminino. Em que condições as mulheres estão envelhecendo no país? Estariam todas diante de um envelhecimento saudável e digno? Nesse sentido, a autora em tela alerta que apesar de longevas, aquelas com baixos rendimentos, por exemplo, estão mais expostas a adoecimentos e privação material básica que, certamente se adicionam as doenças próprias da velhice, a viuvez prolongada, ausência de cuidados familiares e a violações diversas, como a violência doméstica, do que os homens nessa faixa etária.

Para Brito da Motta (2003, p.6), “a violência contra as idosas deve ser analisada como uma violência que se dá em âmbito geracional, que ganha maior visibilidade por conta da situação de gênero”. E, em assim sendo, convém perceber pensar em violência de gênero contra mulheres idosas é também levar em conta a dimensão geracional, onde os conflitos de gerações acirram a violência de gênero exercida sobre a idosa frágil – violência invisibilizada, mas, tão grave quanto a física, posto que causa danos morais, psicológicos, caracterizada nestas relações, por um poder chamado “simbólico”.

### 1.1 A velhice e o poder simbólico

O conceito social de violência simbólica foi proposto pelo sociólogo francês Pierre de Bourdieu (1999) e remete a uma modalidade de violação cometida sem coação física. Ou seja, como uma violência que é cometida, em parte, com consentimento de quem a sofre.

Em sua obra “A dominação masculina (1989)”, Pierre Bourdieu, traz uma reflexão sobre a violência simbólica e destaca a sua forma multifacetada, sutil e, por vezes silenciosa, presente em todos os meios sociais (escola, família, religião...), cuja raiz estaria nos símbolos e signos culturais, tal como no reconhecimento da autoridade exercida por determinadas pessoas que a praticam. De modo que a violência desferida não é percebida enquanto violência, mas, como uma espécie de interdição, consentida pelo respeito que quem a sofre tem para com o outro que a pratica.

Trata-se de violências que se processam pela ação das forças sociais dominantes, pela estrutura das normas internas do campo na esfera social em que as pessoas se encontram e, que, acabam por incorporar como se fossem legítimas (*habitus*).

A violência contra os/as idosos/as tem várias formas de manifestação, podendo ser configurada como intrafamiliar, social, institucional e patrimonial. Ocorrer no interior de sua própria família, em asilos, órgãos públicos, centros de convivência. Em qualquer local em que vivem ou convivem, de modo a comprometer, de forma perversa, a vida de homens e mulheres em idade avançada em meio ao abandono, miséria e privações de todo porte que agravam as desigualdades sociais históricas que atingem as chamadas minorias sociais, sobretudo nesta conjuntura atual de desmontes dos mecanismos de proteção mínimos, alargando o abismo da exclusão social (SERRA, 2010).

E assim, a violência sutil, silenciosa vai se ampliando e perpetuando (BEAUVOIR, 1990), reatuando estereótipos e imagens (negativas) da velhice, ao mesmo em que deixa antever que violências são diversas e não se processam somente através de agressões físicas, verbais, abusos sexuais,

abandonos, exclusão, omissão. Essa violência sutil é quase invisível as suas próprias vítimas, por que como aduz Bourdieu (1989), se assenta em um campo de relações afetivas, íntimas, o que acaba por consentir o exercício da dominação:

Violência simbólica, violência suave, insensível, invisível a suas próprias vítimas, que se exerce, essencialmente, pelas vias puramente simbólicas da comunicação e do conhecimento ou, mais precisamente, do desconhecimento, do reconhecimento ou, em última instância, do sentimento. Essa relação social extraordinariamente ordinária oferece, também, uma ocasião única de apreender a lógica da dominação, exercida em nome de um princípio simbólico conhecido e reconhecido tanto pelo dominante quanto pelo dominado de uma língua (ou de uma maneira de falar), de um estilo de vida (ou uma maneira de pensar, de falar ou de agir) e, mais geralmente, de uma propriedade distintiva, emblema ou estigma (BOURDIEU, 1999, p. 7- 8)

Simbolismos ofuscam as relações de poder entre dominantes e dominados, difíceis de serem enfrentadas, uma vez que são percebidas como naturais e legítimas. Servem para manutenção dessa força “invisível”, num jogo de dissimulação que, mesmo revoltado, a vítima não consegue, sozinha, se contrapor a este tipo de dominação, restando-lhe a aceitação resignada (SERRA, 2010). Violências simbólicas têm efeitos reais (BOURDIEU, 1999) e dissimuladamente, são exercidas, principalmente no seio familiar, por vezes, embutidas nas práticas de suposto “cuidados” as pessoas envelhecidas, ainda que não se ouse falar. Como afirma Beauvoir (1990) quando se refere a velhice: este é um “segredo” vergonhoso do qual é indecente falar.

## **2 Interface entre velhice, relações de gênero e violência simbólica**

O envelhecer, sob a ótica biológica, constitui um processo natural, compreendido por um desgaste natural das estruturas orgânicas que passam por transformações com o progredir da idade, com prevalência de processos degenerativos (CALDAS, 2002). Assim sendo, todo o processo de envelhecer é natural, universal e irreversível, portanto, presente na vida de todos os seres humanos. Entretanto, tal processo traz consigo não só alterações biológicas inerentes à idade senil, mas também psicológicas e sociais, que podem acontecer em idade mais precoce ou mais avançada, e em maior ou menor grau, variando conforme as características genéticas e o estilo de vida de cada pessoa (D’ALENCAR, 2010).

Quanto ao significado social da velhice, percebe-se que este é permeado por uma construção histórica permeada por preconceitos e estereótipos. O dicionário Aurélio define velhice como sendo: o estado ou condição de velho; o último quartel da vida; o conjunto dos velhos; rabugice própria de velhos. O termo “rabugice” ainda é definido pelo mesmo dicionário como sendo “mau humor constante”; assim, o velho é tido e visto como alguém rabugento e possuidor de mau humor. Além desse “estereótipo”, velhice e envelhecimento comumente são associados à improdutividade, dependência, decadência e fragilidade.

Sobre isso, Teixeira reforça que, biologicamente,

envelhecer é inexorável, com perdas, mais ou menos acentuadas, da capacidade funcional física e mental, mas a velhice é um processo social, uma fase da vida, social, econômica, cultural e politicamente codeterminada, podendo ser imprevisível, criativa, participativa ou dependente, passiva, dominada, violentada. (TEIXEIRA, 2017, p 16)

A concepção de velhice, portanto, extrapola o aspecto meramente biológico e reflete também aspectos socioculturais. E, por ser também uma construção social, o preconceito se faz presente. A velhice é colocada à margem, o que é contraditória, uma vez que todos querem viver por muitos anos, mas, não desejam ficar velhos/as ou se parecer com estes (SCHNEIDER e IRIGARAY, 2008).

É sob esta ótica que Beauvoir (1990) afirma que para que se tenha a compreensão do fenômeno do envelhecimento, é necessário que tenhamos um olhar sobre a totalidade, sobretudo não desconsiderando o fator cultural. Etnologicamente falando, a exclusão do idoso tem raízes na ancestralidade do homem, passando por diversos tipos de sociedades humanas ao longo da história. Muitas sociedades respeitam as pessoas idosas enquanto estão lúcidas e robustas, mas passam a ignorá-las quando se tornam vulneráveis e inúteis.

Neste sentido, o fenômeno da exclusão do idoso está ligado ao fator cultural e para Beauvoir há outro determinante que não pode ser desconsiderado que são as diferenças de gêneros. “A velhice não tem o mesmo sentido nem as mesmas consequências para os homens e para as mulheres. (...) em geral, seu estatuto permanece inferior ao dos homens. São mais negligenciadas e abandonadas com mais facilidade” (BEAUVOIR, 1990, p. 104) e o fato de serem mulheres e velhas colocam-nas em uma posição de forte inferioridade.

De acordo com SILVEIRA, é na velhice que a vulnerabilidade da mulher é potencializada e está intrinsecamente relacionada com as construções sociais relacionadas com as relações de gênero.

Durante a velhice, aquela vulnerabilidade, experimentada pela mulher durante toda a sua vida, parece se potencializar. Acredita-se que tal fato é explicado pelas construções sociais acerca do gênero e da velhice, que tendem a criar uma imagem negativa da mulher idosa e que acabam por estimular a violência contra si praticada. (SILVEIRA, 2013, p.1)

A violência de gênero tem sido uma categoria amplamente discutida nos últimos tempos para se referir a situações violentas relacionadas entre as desigualdades entre homens e mulheres. Cabe acrescentar que para LINS, a violência está associada ao poder e “está ligada à possibilidade de alguém impor sua vontade sem consentimento, sobre a vontade do outro” (LINS, 2016, p 54-55), na medida em que as relações existentes entre masculino e feminino são relações desiguais, assimétricas e que mantem a mulher subjugada ao homem e ao domínio patriarcal.

De acordo com Saffioti, o gênero, enquanto construção social do feminino e masculino naturaliza certas atribuições sociais, baseando-se nas diferenças sexuais. E o patriarcado, por sua vez, se utiliza dessa naturalização para justificar-se enquanto “regime da dominação-exploração das mulheres pelos homens” (SAFFIOTI, 2004: p. 44).

Nesta perspectiva, a fragilidade e dependência aparecem então como aspectos não só da imagem que se produz dos idosos, mas também da imagem que se produz das mulheres no patriarcado. É a partir deste pressuposto que o patriarcado institucionaliza e legitima a violência de gênero contra mulheres: “o homem deve agredir, porque o macho deve dominar a qualquer custo; e a mulher deve suportar agressões de toda ordem porque seu ‘destino’ assim o determina” (SAFFIOTI, 2004: p. 85).

Entretanto, ressalta-se que o patriarcado não necessariamente relaciona o poder do pai sob o (a) filho (a) ou sob a esposa, mas em uma ótica mais abrangente, relaciona o poder dos homens ou do ser masculino, enquanto categoria social; em exemplos práticos, nas relações intrafamiliares este patriarcado se manifesta na relação de poder do cônjuge em relação à mulher, do filho em relação à mãe, do irmão em relação à irmã e ainda de uma forma mais abrangente, das figuras masculinas em relação à mulher idosa.

Nesse sentido, são nas relações intrafamiliares e no espaço de moradia que a violência de gênero contra os idosos acentua-se, partindo do entendimento de que sendo alvo de estereótipos, o idoso “passa mais tempo em casa”, “está mais desocupado” e “não tem o lazer como opção”. A respeito disso, Minayo acrescenta que,

No que concerne à especificidade de gênero, estudos demonstram que, no interior da casa, as mulheres, proporcionalmente, são mais abusadas que os homens; e ao contrário, na rua, eles são as vítimas preferenciais. (...) E concomitantemente, as consequências dos maus-tratos provocam neles experiências de depressão, desesperança, alienação, desordem pós-traumática, sentimentos de culpa e negação das ocorrências e situações de maus-tratos. (MINAYO, 2003, p.789-790)

Em relação aos tipos de violências que a mulher idosa é acometida, a violência de gênero também reflete em um tipo de violência “oculta”, “sutil” e “suave” que nem sempre é perceptível nem pelo “agressor” e nem pela “agredida” e que é legitimada no discurso do cuidado e do bem-querer, denominada de violência simbólica. Sobre isso, Serra reforça que,

Em verdade, a via analítica da violência simbólica possibilitou-me perceber e distinguir formas de violência que atentam contra a autonomia do idoso, via de regra, praticadas em nome do bem-querer e do bem cuidar e que vão destituindo a identidade da idosa e do idoso, causando-lhes desconforto, mal-estar, tristeza, angústia, insatisfação e, até mesmo, uma revolta silenciosa que não tem como materializar-se em atitudes emancipatórias. (SERRA, 2010, p. 98).

As formas sutis, silenciosas, invisíveis e naturalizadas de violência contra as idosas dentro de uma perspectiva de relações de gênero têm sido cada vez mais frequentes embora, tenhamos a compreensão de esta se dá de forma despercebida pela idosa e por seu agressor.

Serra, ao estudar este tipo de violência em idosos identificou formas peculiares de materialização da violência: “São posturas, atitudes, concepções, crenças, convicções, naturalizadas em nosso meio pelo princípio do cuidado, da assistência material e afetiva das novas gerações em relação às pessoas classificadas como idosas” (SERRA, 2010, p.99). Sistematizou a materialização da violência em 4 eixos e dentre estes, destacamos a violência da destituição da autonomia.

Concretamente, vão se tecendo, em torno do velho e da velha, teias que lhe imobilizam, impedindo-lhe o exercício da cidadania em pleno uso de sua razão e lucidez. Nega-se a “eles e a elas” o “direito de ir e vir”, (...); dirigir; escolher suas próprias roupas; definir sua moradia; selecionar sua forma de lazer e suas amizades. Nega-se o direito da idosa e de idoso de ter vida útil e produtiva, bloqueando-lhe a possibilidade de trabalhar, de exercer, dentro de suas possibilidades, suas habilidades laborativas. (SERRA, 2010, p.101)

A visão estereotipada de que a/ao velha/o resta-lhe viver o “restante” de seus dias de forma submissa, sem ter direito a opinar e sem direito ao lazer vem vitimando muitas velhas; a elas cabe exercer o seu papel de “cuidadora da casa”, de “cuidar dos netos” na ausência dos pais no lar; a idosa ativa e hígida tem sua autonomia ameaçada e os padrões comportamentais construídos socialmente impõem um modo dependente e submisso de ser velha. Essa imposição vem multifacetada e “silenciosa”.

### 3 Conclusão

O envelhecimento populacional é uma realidade incontestável no cenário mundial e o Brasil não passa ao largo desse fato. Decorrente de vários fatores em que se destacam a queda das taxas de fecundidade e a redução da mortalidade nas pessoas de idade avançada, no seio deste contingente

populacional, as mulheres são maioria, fomentando o fenômeno que alguns estudos definem como *feminização da velhice*.

Longe de sugerir apenas uma conquista a ser celebrada, é preciso que se discuta o significado desse “viver mais” para mulheres que, ao longo de suas trajetórias de vida já vem acumulando desvantagens decorrentes das desigualdades de gênero, classe, raça/etnia e geração, agravadas pelas estatísticas de baixa escolaridade, desempregos, violências diversas, a exemplo da violência simbólica.

Uma modalidade de violação com efeitos nocivos, que de forma invisível se dissemina sem que se aborde sua gravidade. À mulher idosa deve ser dado o direito a viver a sua velhice sem negação de sua cidadania pela imposição silenciosa e sutil de um padrão social fincado no patriarcalismo. Faz-se urgente e necessário que se enfrente esse debate, com vistas à desconstrução destes padrões de submissão e dependência, bem como de estímulos a construção de padrões emancipatórios para que a humanidade possam, enfim, viver a velhice de forma digna.

---

## Symbolic violence against elderly woman in gender relations

### ABSTRACT

It discusses the aging population as a worldwide phenomenon present in all countries, in which Brazil is included with one of the highest rates of population aging. Progression with a tendency to rise. Studies by the World Health Organization show that by the year 2025, the group of people 60 years of age or older is expected to increase by fifteen times, while the total population in only five. Growth that will put Brazil on the world stage as the sixth nation with the largest number of elderly, about 32 million people. Reality that raises not only debate, but effective actions that face this population growth in old age, as well as the physiological, psychological, cognitive and social changes evidenced in this phase of life, the recurrent violence that has reached them in social and intrafamily spaces. Based on theoretical and documentary contributions, this exploratory and qualitative study reflects on the symbolic violence that affects, mainly the old women and that are due to the gender violence. Therefore, it affects them because they are women. Symbolic violence is here perceived as multifaceted violence, which acts in a secretive, subtle and silent way in the social life of people also in old age. It is concluded that women in old age must have a right to life without denying their citizenship, which is currently threatened by the silent and subtle imposition of a social standard embedded in patriarchy. It is urgent and necessary to deconstruct these patterns of submission, humiliation and oppression instituted in contemporary society as a result of gender, class, race, ethnicity and generation and to stimulate emancipatory patterns of living in dignity.

**Keywords:** Gender. Gender Relationships. Symbolic violence. Woman. Old age.

## REFERÊNCIAS

BANDEIRA, L; MELO, H. P; PINHEIRO, L. S. “Mulheres em dados: o que informa a PNAD/IBGE”, 2008. In: **Observatório Brasil da Igualdade de Gênero**, julho, 2010, p. 107- 119.

BEAUVOIR, S. **A velhice**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Lisboa: Difel; Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.

\_\_\_\_\_. **A dominação masculina**. Tradução de Maria Helena Kühner. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.

BRASIL. Lei nº 10.741, de 1º de outubro de 2003. Dispõe sobre o Estatuto do Idoso e dá outras providências. 4. Ed. Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome: Brasília, DF Brasília, 2010.

BRITTO DA MOTTA, Alda. **Violência contra as mulheres idosas**: questão de gênero ou de gerações? XI Encontro de Ciências Sociais Norte e Nordeste. Universidade Federal de Sergipe, agosto de 2003.

CAMARANO, A. A. (Org.). **Idosos brasileiros**: indicadores de condições de vida e de acompanhamento de políticas. Brasília: Presidência da República, Subsecretaria de Direitos Humanos, 2005.

CALDAS, C. P. Memória, trabalho e velhice. Um estudo das memórias de velhos trabalhadores. In: R. Veras (org.). **Terceira idade**: Desafios para o terceiro milênio. Rio de Janeiro: Relume Dumará, UnATI /UERJ, 2002, p. 15-40.

D’ALENCAR, R. S.et al. A velhice e a saúde nas políticas públicas: uma questão não resolvida. **Memorialidades**, Ilhéus, v. 7, n. 14, p. 27-48, jul.-dez. 2010.

IBGE. **Censo Demográfico 2010**. Disponível em: < <http://censo2010.ibge.gov.br/>>. Acesso em 11/7/2018.

\_\_\_\_\_. **Sinopse do Senso Demográfico de 2010**. Rio de Janeiro: IBGE, 2011. Disponível em: <[http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/94/cd\\_2010\\_religiao\\_deficiencia.pdf](http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/94/cd_2010_religiao_deficiencia.pdf)>. Acesso em: 12 jun. 2017.

\_\_\_\_\_. **PNAD 2016**: população idosa cresce 16,0% frente a 2012 e chega a 29,6 milhões. Agência IBGE: Estatísticas Sociais, 2016. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-sala-de-imprensa/2013-agencia-de-noticias/releases/18263-pnad-2016-populacao-idosa-cresce-16-0-frente-a-2012-e-chega-a-29-6-milhoes>. Acesso em 07.10.2018.

LINS, Beatriz Accioly et al. **Diferentes, não desiguais**: a questão de gênero na escola. 1 ed. São Paulo: Editora Reviravolta, 2016.

MINAYO, M. C. S. Violência contra idosos: relevância para um velho problema. **Cadernos de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, 19 (3):783-791, mai-jun, 2003 <http://www.scielo.br/pdf/csp/v19n3/15881.pdf> acessado em 12/07/2015.

SAFFIOTI, Heleieth I.B. **Gênero, patriarcado, violência**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2004.

SERRA, Jacira do Nascimento. Violência simbólica contra os idosos: forma sigilosa e sutil de constrangimento. **Revista de Políticas Públicas**. UFMA. v. 14, n. 1, 2010.

SERRA, J. N. **A violência contra pessoa idosa em distintos cenários da vida**. Tese (Doutorado em Políticas Públicas) - Universidade Federal do Maranhão/UFMA, 2014.

SCHNEIDER, R. H; IRIGARAY, T. Q. **O envelhecimento na atualidade**: aspectos cronológicos, biológicos, psicológicos e sociais. *Estudos de Psicologia* 25 (4), 585-593 (2008)

TEIXEIRA, I. N. D. O., & Neri, A. L. (2008). **Envelhecimento bem-sucedido**: Uma meta no curso da vida. *Psicologia USP*, 19(1), 81-94.

SILVEIRA, Luciana. **Velhice e gênero**: a violência familiar contra a mulher idosa em Vitória – ES. XXVII Simpósio Nacional de História. Natal/RN, 2013.

## MINIBIOGRAFIA

### **Marly de Jesus Sá Dias**

Assistente Social. Doutora em Políticas Públicas/UFMA; Professora Associada do Departamento de Serviço Social e do Programa de Pós-Graduação em Políticas Públicas da Universidade Federal do Maranhão. E-mail: marlydejesus@yahoo.com.br.

### **Leila Moraes Nogueira Azevedo**

Especialista em Saúde da Pessoa Idosa, UFMA; Graduada em Serviço Social pela Universidade Federal do Maranhão, São Luís/MA. Assistente Social do HUUFMA. E-mail: [nogueira.leila@hotmail.com](mailto:nogueira.leila@hotmail.com).

### **Leida Cabral Nascimento da Silva**

Especialista em Residência Multiprofissional – Saúde do adulto, UFMA; Graduada em Serviço Social pela Universidade Federal do Maranhão, São Luís/MA. Assistente Social do HUUFMA. E-mail: [leida.cabral@hotmail.com](mailto:leida.cabral@hotmail.com).

### **Francisca Thamires Lima de Sousa**

Especialista em Residência Multiprofissional – Saúde do adulto, UFMA. Graduada em Serviço Social pela Universidade CEUMA. São Luís/MA. E-mail: [\\_tham.sousa@hotmail.com](mailto:_tham.sousa@hotmail.com).